

ÁGUA 2015(1)

Prof. Dr. José Santino de Assis*

Pesquisador do Laboratório de Fitogeografia Aplicada (LABFIT)

Maceió-Alagoas, 2015

Mais um "Dia da Água" se comemora(?) Paradoxalmente, não é um dia em que se engendre algo para a produção de água, ou se tome qualquer providência em favor deste mais precioso líquido anteriormente disponibilizado pela natureza em larga escala. É apenas mais um dia de desfiles de autoridades governamentais e políticos de todas as plagas gastarem tempo e, sobretudo, vultosas somas de recursos financeiros com viagens dispendiosas, conferências inócuas recheadas de painéis tendenciosamente maliciosos e de estatísticas tenebrosas. Tudo por conta dos excessos ou das ausências de água. Danos que se fazem representar pelas assoladas secas e desalenta desertificação. Bem como pelas enchentes diluvianas, trombas d'água destruidoras, inundações avassaladoras e tantas outras calamidades mundo afora. Elas promovem, inclusive, as perdas de todos os bens pessoais, dos animais e da própria vida humana e vegetal, pela extinção da biota.

Nos dias de hoje é cada vez mais frequente presenciar-se, e sentir-se, verdadeiras rupturas da organização natural das paisagens que embelezavam e equilibravam o sistema planetário terrestre. Rupturas que são movidas pelo descalabro promovido pelo gerenciamento destrutivo e o desrespeito a essa obra-prima do espaço geográfico de todas as latitudes. Com essa atitude maléfica ao meio, a vegetação, vítima dos desmatamentos sem controle, encontra-se no fim do caminho do seu avançado desaparecimento da superfície terrestre.

Gestos simples e isentos de despesas, como a manutenção das nascentes e das zonas de recargas pela vegetação original, evitariam essa derrocada promotora do extermínio geral de todos os recursos naturais. E a seu reboque, toda a humanidade e suas pobres e ricas construções no mínimo desordenadas.

Dia a dia se aposta, fala-se, mostra-se e escreve-se muito e tem se aplicado até, a ilusória crença de que a preservação das "matas ciliares" seja suficiente e bastante para a manutenção do equilíbrio das águas dos rios e dos riachos. Tenho dito e repetido, em todas as oportunidades que, enquanto perdurar essa malfadada crendice, os rios continuarão secando e, junto com a vegetação nativa, engrossando o fatal estiolamento de ambos.

Ora estamos convivendo com esses fatos oriundos do desinteresse político-administrativo. Quando não, resultantes da própria ingerência e/ou do desconhecimento técnico-científico sobre a matéria. Com validade para todas as diversas regiões geográficas brasileiras. Se diferente fosse, ou se subordinadamente dependêssemos apenas das ações genéticas dos fenômenos normais da ordem natural, os custos a pagar com os bens e a própria vida, não seriam tão avassaladores porque, no mínimo, previsíveis.

(1) Divulgado por Redes Sociais, no Dia da Água, em Alagoas.

*É Geógrafo Doutor em Organização do Espaço. Atuante no Zoneamento e na Análise Geofitoambiental para o Planejamento Territorial.